

A origem americana da sífilis

Hector H. Bruit¹

Resumo: O trabalho é um estudo da documentação existente, produzida no século XVI, acerca da teoria americana da sífilis. Observa-se que essa documentação é ambígua e às vezes duvidosa. Além dos cronistas, examinam-se fontes indígenas de forte conteúdo mítico que fizeram menção de uma doença corrosiva. Examinam-se algumas conclusões baseadas em estudos de restos ósseos e arqueológicos.

Palavras-chave: sífilis; indígenas; século XVI.

Abstract: In this work we present a study based on documentary evidence from the XVI century, over the american theory of syphilis. We note that the above material is ambiguous and sometimes uncertain. In addition to the chronicles of the epoch, we have investigated sources of strong mythic contents, which have mentioned this ulcerous disease. We critically examine conclusions derived from bones and archaeological remains.

Keywords: Syphilis, aboriginal population, XVI century.

A principal causa da mortalidade crescente das populações indígenas da América, durante o século XVI, foram as doenças que infeccionaram essas populações. Não obstante é mal conhecida a origem dessas doenças.- Na realidade, sobre a sífilis, tifo, malária, varíola e tuberculose existem muitas dúvidas em relação à sua origem e difusão, pois em quase todos os casos a documentação mais razoável data de fins do século XVI.

Sobre a malária que se manifestou entre os indígenas nos primeiros anos da conquista, não existem notícias dessa doença antes da chegada dos conquistadores. É provável que a malária tenha sido trazida à América pelos europeus, procedente do Mediterrâneo.

Em relação ao tifo, a documentação disponível data de fins do século XVI e é de origem hispânica. Os médicos espanhóis que estudaram essa doença consideraram que

¹ Professor doutor do Centro de Memória UNICAMP e do Departamento de Ciências Sociais – PUC-SP.

ela era indígena. Foi o caso do médico e naturalista Francisco Hernández, enviado à América por Felipe II para estudar a flora americana. Ele descreveu a doença pelas febres muito elevadas. Do mesmo modo, o médico Francisco Flores observou que o tifo ou *matlazáhuatl*, segundo os astecas, aparece representado nos códices mexicanos (Cook e Borah, 1989). Os estudos paleopatológicos, como veremos mais adiante, indicam a possibilidade da existência da sífilis e tuberculose antes do século XVI.

Todavia, é bom lembrar, uma documentação de origem indígena supostamente anterior à conquista ibérica fala de uma sociedade que não sofria essas doenças. É o caso do *Chilan Balam de Chumayel*, que disse que antes da chegada dos espanhóis não havia pecado nem doenças, nem febres, nem varíola.

Em relação à origem americana da sífilis, não existem evidências incontestáveis. As provas aduzidas, as indicações, os vestígios paleopatológicos são, em sua maior parte, pouco confiáveis.

Sem dúvida, o que mais surpreende quando se fala da sífilis como doença trazida pelos conquistadores à América, é que antes de 1492, ninguém na Europa nem escritores, nem sacerdotes, nem médicos, nem naturalistas fez qualquer referência a essa doença. Talvez, como foi sugerido por alguns estudiosos, a sífilis tivesse existido de forma endêmica no velho continente. Mesmo assim, o que chama a atenção é que só depois da descoberta do Novo mundo surgiu a doença na Europa de forma devastadora, atingindo figuras famosas como o rei Carlos VIII da França, Henrique VIII da Inglaterra, e o escultor renascentista Benvenuto Cellini.

O silêncio da Europa em relação à doença anterior a 1492 tem sido um argumento forte dos estudiosos modernos. O professor norte-americano Alfred W. Crosby, em seu livro *The Columbian Exchange. Biological and Cultural Consequences of 1492*, considera que não foi pura coincidência o fato de que a sífilis surgisse primeiro em Barcelona logo após a chegada de Colombo e seus marinheiros em 1493 (Crosby, 1976).

O livro de Crosby tem sido reputado pela crítica internacional como o mais completo nessa questão das conseqüências biológicas da conquista ibérica. De fato, este livro é a melhor síntese de uma história que não só mostra a travessia do Atlântico pelos conquistadores, mas também por plantas, animais e germes.

Contudo mesmo fazendo referências aos estudos de esqueletos indígenas que indicariam a existência da sífilis antes do século XVI, a documentação usada pelo autor, de origem ibérica, é discutível. Por outro lado, o livro de Crosby não faz referências ao Brasil.

Outros autores modernos, como os historiadores S. Cook e W. Borah, são menos conclusivos em relação à teoria americana da sífilis, e preferem admitir que a documentação pertinente usada até agora não é suficiente para provar essa teoria.

Em nosso artigo, examinamos primeiro a documentação propriamente histórica relativa à doença. Depois examinamos algumas conclusões de caráter arqueológico.

Como foi dito mais acima, supõe-se que a doença chegou à Europa com os marinheiros que acompanharam Colombo na primeira viagem. Quer dizer, a sífilis estava no velho continente em 1493 e se expandiu rapidamente. Em meados do século XVI, o médico do vice-rei da Índia, Garcia de Orta, falou da sífilis fazendo estragos em todo o Oriente (Garcia Orta, 1964).

Os relatos e as análises relativos à doença sucederam-se rapidamente. Tanto o nome da doença como sua transmissão estão cheios de exageros novelescos. Em 1605, o médico da armada espanhola, Andrés de León, escreveu a seguinte história:

(...) parece que en el año de 1493 en la guerra que tuvo el rey católico en Nápoles com el rey Carlos de Francia, que dezian de la cabeza grande, en este tiempo don Cristóbal Colón vino del primer descubrimiento que hizo de los indios, que fue la isla de Santo Domingo, y otros, y traxo consigo algunos indios e Indias, y los llevó a Nápoles de la ciudad de Barcelona al rey católico que allí estaba, y como avía pazes entre los reyes, comunicávanse los dos ejércitos. Como los indios e indias iban inficionados, comunicóse entre todos los españoles e italianos, y las demás naciones que allí estaban, y así se inficionó toda la gente de los ejércitos (...) (Cárdenas, 1988, 230).

A narrativa do médico espanhol deixa a impressão de que os indígenas americanos chegaram à Itália em número suficiente para contaminar os exércitos franceses, italianos e espanhóis. A verdade é que Colombo só levou à Espanha dez indígenas, dos quais, segundo Las Casas, sete eram homens, sendo que um morreu na viagem. O cronista indica apenas a existência de uma mulher índia que teria viajado com seus filhos. Por outro lado, tem-se considerado que os cinquenta marinheiros que voltaram da primeira viagem não constituíam um número suficiente para contagiar todo o continente em menos de dezoito meses. Isto contraria todas as probabilidades epidemiológicas.

Não menos retumbante, mas ao mesmo tempo bizarro, foi e continua sendo o poema de estilo virgiliano *Syphlidis Sive de Morbo Gallico*, do médico, filósofo e matemático renascentista Gerolamo Fracastoro. O poema foi escrito por volta de 1513-1520, e publicado em Veneza em 1530. Está dividido em três livros nos quais se descreve a doença, os métodos para curá-la e a forma como foi levada da América para a Europa. Fracastoro voltaria a tratar do “mal francês” em sua obra *De Contagione*, publicado em Veneza em 1546. Este era um tratado sobre todas as doenças contagiosas dessa época. A partir dos estudos desse autor, difundiu-se a idéia de que a sífilis provinha da América.

Fracastoro foi um médico ilustrado e de grande prestígio por suas posições de independência em relação aos pensadores antigos. Em seus estudos das doenças, ele abandonou as corriqueiras interpretações astrológicas e as superstições numéricas. Para ele, era necessário estudar e descobrir a natureza das coisas, as causas próprias das enfermidades. Em seu estudo sobre a sífilis, ele se propôs a descobrir a natureza da doença, suas causas específicas. O médico de Verona, médico oficial do Concílio de Trento, formulou a hipótese da existência de “germes que obravam por analogia no organismo” (Gandillac, 1974).

Não obstante os estudos de Fracastoro, a doença ficou envolvida nas visões astrológicas e supersticiosas. Porém, ela sacudiu até as raízes do universo erótico renascentista. Mas durante um longo tempo duvidou-se que o contágio fosse por via sexual, pois a doença também atingia os sacerdotes católicos.

Cabe destacar que Fracastoro teve um relacionamento intelectual estreito com o cronista hispânico Gonzalo Fernández de Oviedo, que teria fornecido informações detalhadas sobre a doença na América (Gerbi, 1978).

A maior parte dos cronistas hispânicos que estiveram na América no século XVI fez referências à sífilis. Mas é necessário diferenciar os cronistas que vieram para a América nos primeiros anos da descoberta, daqueles que chegaram trinta ou quarenta anos depois que Colombo pisou pela primeira vez terras americanas. Isto é importante, porque neste último caso a doença observada nos indígenas poderia ser conseqüência do contato com os europeus. Em outras palavras, e usando um exemplo, os médicos que estudaram a sífilis em fins do século XVI, como Agustín Farfán e Francisco Hernández, não podiam

saber se foram os indígenas que contaminaram os espanhóis, ou vice-versa. No entanto, a descrição da doença feita por Farfán é uma das mais completas:

A unos aflije con unos como empeynes y postillas en la cabeza y en el rostro, a otros aflije pelándoles las cejas y pestañas, la cabeza y la barba (...) Y finalmente a otros con llagas en las partes vergonzosas y con encordios y con continua purgación de materias por la vía de la orina (Cárdenas, 1988, 228).

Em termos gerais, os cronistas do século XVI só mencionaram a doença, chamada de “bubas”, e não comentaram a origem dela. É o caso de Toribio de Benavente, que esteve na América em 1524; de Bernardino de Sahagún, que chegou à Nova Espanha em 1529; de Bernal Díaz Del Castillo, que esteve na América em 1516; de Cieza de Leon, que chegou a Cartagena de Índias em 1535. Diego Duran, Garcilaso de la Vega, Guaman Poma de Ayala, Juan de Cárdenas, José de Acosta são bem posteriores

Todos esses cronistas fizeram alusão à doença quando falaram das plantas e raízes que usavam os indígenas para curar suas enfermidades. Era o caso da *salsaparrilla* e do *palo santo* ou *guayacán*. Garcilaso, Cieza e Acosta interessaram-se muito mais pelos remédios que pelas doenças. Era a forma como os indígenas usavam essas plantas para preparar uma infusão que curava as boubas, “y muchos que traían las asaduras dañadas y los cuerpos podridos, com solamente beber el água de estas raíces quedaban sanos (...)”, escreveu Cieza de León na *Crônica del Peru* (Cieza de Leon, 1973, cap. LIV).

Diego Durán, que iniciou sua crônica sobre os índios de Nova Espanha em 1570, afirmou que as boubas eram uma doença tão comum entre os indígenas como o mau-olhado e o catarro (Duran, 1984).

Bernal Diaz Del Castillo mencionou as boubas ao falar dos amigos mortos pela doença. Sahagún citou a doença e tentou uma descrição de seus efeitos: “lastiman mucho con Dolores y tullen las manos y los pies, y están arraigadas en los huesos”. Os indígenas curavam-se com o *tletlémailt*, uma planta medicinal não identificada, e com o *tlalquequétzal*, erva medicinal identificada como *achillea millefolia*.

O significativo é que o cronista indica as palavras náhuatl que designavam as diferentes classes de boubas: *tlacazolnanáhuatl*, ou boubas da gula; *tecpilnanáhuatl*, boubas dos nobres; *puchonanáhuatl*, ou boubas da “seiba” (Sahagún, 1988).

Neste sentido, alguns estudiosos têm considerado a designação da doença nas línguas indígenas como uma prova convincente da origem americana da sífilis. Assim, nas línguas quíchua e aimara existe a palavra *huanti* ou *guanti* para identificar uma doença corrosiva, dolorosa e contagiosa. Isto, segundo a gramática e o dicionário da língua geral dos índios do Peru, de frei Domingo de Santo Thomas, que data de 1550 (Santo Thomas, 1994).

Também, de acordo com o vocabulário da língua *cakchiquel* da Guatemala, obra de frei Thomas de Coto e que data de 1650, os indígenas designavam as boubas com a palavra *tepex*. Thomas de Coto descreve as boubas da seguinte forma:

Este xilin son unos granos que salen por el rostro y cuerpo de la persona, y toman la metáfora de unas verrugas grandes que se suelen criar en las xícaras berdes quando están em el árbol, a lo que llaman xilin (Thomas de Coto, 1983).

Esta descrição coincide com o que se observa no famoso quadro de Durero, O Sifilítico, de 1496. As berrugas cobrem o rosto e o corpo da figura.

Também no Brasil, os cronistas que falaram das boubas chegaram na segunda metade do século XVI. Foi o caso de Soares de Sousa, que esteve na Bahia em 1570. As observações deste autor não são muito claras em relação à doença que descreve. Insistiu no fato de que ela estava presente nas crianças. Quando descreve o “caraobuço” - “uma árvore como pessegueiro”, de madeira dura, compara-o com o pau das Antilhas ou guáiaço: “da folha se aproveitam os índios, e com ela pisada curam as boubas, pondo-a com o sumo em cima das bostelas ou chagas, com o que se secam muito depressa”. Também faziam um xarope com essas folhas. Esta descrição de Soares de Sousa aproxima-se muito daquela feita por Oviedo, como veremos mais adiante (Soares de Sousa, 1971, cap. LIX).

Uma descrição semelhante, ainda que mais ambígua, fez Jean de Léry (Léry, 1980, cap. XIX). A incerteza que nos transmite Soares de Sousa reflete-se também em autores modernos. Para Gilberto Freire, a “sifilização” no Brasil desenvolveu-se estreitamente com a miscigenação, porém o processo de sifilização foi anterior à civilização. Não obstante, considera importante o fato de que nenhum viajante e cronista do século XVI fizesse qualquer comentário ou indicação relativo à sífilis entre os indígenas (Freire, 1954). Fica claro que para Freire, as boubas nada tinham a ver com a sífilis.

Da mesma forma, Darcy Ribeiro escreveu num artigo ainda valioso o seguinte: “Até hoje não foi rigorosamente documentada qualquer moléstia originalmente indígena que passasse à população brasileira, a não ser certas micoses de pequena gravidade e de expansão apenas regional e, provavelmente, a boubá” (Ribeiro, 1956).

Aqui o problema é considerar a boubá como uma doença diferente da sífilis. O médico baiano, Jayme de Sá Menezes, fez essa diferenciação baseado na idéia de que se trata de duas entidades patológicas autônomas: boubá = *treponema pertenui*; sífilis = *treponema pallidum* (Sá Menezes, 1957).

Estudos mais modernos e avançados consideram que as quatro doenças causadas pelo treponema, isto é, a sífilis endêmica, a sífilis venérea, a pinta americana e a framboésia, nome moderno da boubá, são provocadas pelo mesmo treponema, que muda de aspecto e efeito conforme as mudanças ambientais. Transcrevemos a seguir o parecer de um conhecido e respeitado paleopatólogo inglês, Calvin Wells:

O problema da sífilis torna-se complicado pelo fato de muitos milhões de pessoas terem a doença na sua forma endêmica ou não-venérea (*obejel arábico*). Esta é normalmente adquirida no começo da infância, pegada por outras crianças, que podem também transmiti-la a qualquer adulto que tenha até então escapado ao contágio. Os treponemas que produzem as duas formas de sífilis, e também a framboésia e a doença pinta americana, não se distinguem morfológicamente e, a despeito das ligeiras diferenças serológicas que existem entre si, alguns competentes sifilólogos adotam um critério unitário e vêem estas quatro doenças como reações de meios diferentes a uma só treponematose. A imunidade entre estes quatro estados patológicos está bem estabelecida, o que reforça esta opinião: há mesmo indícios de que, com as alterações de meio, qualquer destas doenças pode degenerar numa das outras (Wells, 1971).

Este enfoque novo de apresentar o problema da sífilis tem permitido aos estudiosos levantar a hipótese de a doença chamada pinta ter sido a primeira forma de infecção causada pelo treponema na Europa, desde os tempos paleolíticos e, como conseqüência de alterações no meio ambiente natural, ter-se transformado em boubas, sífilis endêmica, e finalmente em sífilis venérea.

Dentre os cronistas que estiveram na América nos primeiros anos, temos quatro: Hernando Colombo, o jerônimo frei Ramón Pane, o dominicano frei Bartolomé de Las Casas, e o cronista oficial da conquista Gonzalo Fernández de Oviedo.

Hernando Colombo foi o biógrafo de seu pai. Ele viajou com o almirante e comentou que vários marinheiros estavam contaminados com o “mal francês”. Sem lugar a

dúvidas, o testemunho de Hernando poderia ser fundamental. Talvez só ele poderia assinalar sucessos importantes, como as doenças dos marinheiros da primeira e segunda viagem do almirante. Porém, o original de sua obra biográfica perdeu-se, e o que temos é uma tradução para o italiano feita trinta e dois anos depois de morto seu autor, isto é, em 1571, por Alfonso Ulloa. A tradução publicada em Veneza não é das melhores: está repleta de incongruências, erros evidentes, italianizações de nomes, lugares e termos que obscurecem a história original.

Só em 1749 Andrés González Barcia publicou a obra em castelhano, usando a versão italiana. Quer dizer, a história do almirante Colombo é uma retradução muito pior, pois o tradutor não só escrevia muito mal seu idioma de origem, mas desconhecia o italiano. Essas versões são tão defeituosas que vários historiadores, como Ballesteros Bereta e Rômulo Carbia consideraram a história de Hernando Colombo um engano literário (Esteve Barba, 1964). Basear então a teoria americana da sífilis num documento como a história de Hernando Colombo é muito arriscado.

Também tem sido a sorte de outro documento importante que esteve associado ao trabalho de Hernando Colombo. Trata-se da *Relación acerca de las antigüedades de los indios*, do jerônimo frei Ramón Pané. Este frade já estivera na América em 1494, tendo escrito a *Relação* a pedido do próprio almirante. Foi o primeiro europeu a estudar a língua dos indígenas de Santo Domingo e a escrever o primeiro trabalho sobre as crenças e costumes desses povos. Do mesmo modo que o manuscrito de Hernando Colombo, o de Pane foi parar nas mãos de Ulloa e traduzido para o italiano. Só que grande parte do manuscrito original tinha sido copiado por Pedro Mártir de Angleria e dado a conhecer na correspondência deste cronista. Las Casas, ao comentar minuciosamente e transcrever longas passagens do manuscrito de Pane, em sua *História Apologética*, facilitou a versão em castelhano.

Pois bem, Pane mencionou as boubas entre os indígenas da Espanhola. O significativo é que o cronista escreveu aquilo que os indígenas lhe narraram: numa viagem do chefe Guahayona, aquele que tinha raptado todas as mulheres, ele se encontrou no mar com uma mulher chamada Guabonito, e ficou muito feliz, e “al instante buscó muchos lavatórios para lavarse, por estar lleno de aquellas llagas que nosotros llamamos mal

francês” (Pane,1974). Muitos autores modernos que têm discutido a origem da sífilis não mencionam o testemunho de Pane.

Outra fonte importante é Bartolomé de Las Casas, pois foi um dos primeiros cronistas a chegar à América. Ele já estivera no continente em 1502. Seus escritos são em grande parte produto da própria observação. Seu pai e tio viajaram com Colombo em 1493, e é mais que provável que transmitiram ao cronista informações importantes dessas jornadas. Por outro lado, Las Casas construiu uma forte amizade com Diego Colombo, o mais velho dos filhos do almirante, e que herdou o governo da Espanhola em 1509. Essa amizade permitiu ao dominicano ter acesso aos documentos da família, e especialmente à enorme biblioteca de Hernando. De fato, a *Historia de las Índias* é o documento mais completo sobre toda a família Colombo, sobre os diários de viagens do almirante e sobre a biografia escrita por seu filho.

Segundo a *Apologética Historia de las Índias*, Las Casas teria perguntado pessoalmente aos indígenas se eles conheciam a doença antes da chegada dos espanhóis. A resposta teria sido afirmativa. Numa passagem da *Apologética*, Las Casas escreveu sobre as boubas:

(...) todos los españoles incontinentes que en esta isla no tuvieron la virtud de la castidad, fueron contaminados dellas, y de ciento no se escapaba quizá uno si no era cuando la otra parte nunca las había tenido (Las Casas, 1958).

O estranho é que Las Casas não menciona a doença na *Historia de las Índias*. Nos densos capítulos relativos às ilhas caribenhas, defendendo os indígenas de todas as coisas ruins que os conquistadores lhes atribuíam, nada disse sobre as boubas. Nos quatro ou cinco capítulos em que polemiza com Oviedo, a mesma coisa. Do mesmo modo, é lacônico quando se refere a Martín Alonso Pinzón, que teria morrido cheio de boubas: “y porque em breves dias murió, no me ocurrió más que del pudiese decir”.

O cronista que maior informação forneceu sobre a sífilis dos indígenas de América foi Gonzalo Fernández de Oviedo. Ele já estivera no continente em 1514 e permaneceu aqui até 1556, tendo cruzado o oceano mais de dez vezes nesse período. Tem-se dito que a *Historia General y Natural de las Índias*, que narra os fatos da América até 1550, confunde-se com a própria história individual do autor. Igual que Las Casas, o cronista oficial da conquista escreveu e descreveu aquilo que presenciou, ouviu, ou que lhe

contaram. Oviedo escreveu sobre a sífilis: “Puede vuestra Magestad tener por cierto que aquesta enfermedad vino de las Indias, y es muy común a los indios, pero no peligrosa tanto en aquellas partes como en estas”.

Para Oviedo, as boubas não matavam índios, mas sim europeus. Também afirmou que a enfermidade apareceu na Espanha logo que Colombo regressou da América. O capitão Fernández de Córdoba e seus soldados levaram-na à Itália quando, em 1495, a Espanha lutava contra a França. Depois, Oviedo escreveu:

(...) y como era en la razón que los franceses pasaron con el dicho rey Carlos, llamaron a este mal los italianos el mal francés, y los franceses le llaman el mal de Nápoles, porque tampoco le habían visto ellos hasta aquella guerra, y de ahí se esparció por toda la cristiandad y pasó en Africa por medio de algunas mujeres y hombres tocados de esta enfermedad (Oviedo, 1963).

O que mais chamou a atenção dos conquistadores foi o conhecimento que os indígenas tinham das plantas usadas como medicinas, venenos e alucinógenos. Foi explicando e descrevendo essas habilidades, “são grandes herbolários”, exclamou o cronista, que Oviedo acabou atribuindo à América, particularmente às Antilhas, a origem da sífilis.

O cronista ficou surpreso e até entusiasmado com a forma como os indígenas de Santo Domingo curavam uma doença que ele supõe ser a sífilis. De fato, mostrou-se muito interessado na planta e na maneira como a usavam para curar a doença. Trata-se de uma árvore chamada guáiaico ou “pau santo”, que pertence à família das zigofiláceas, de madeira muito dura empregada na marcenaria. Com a cortiça, fervida durante muito tempo, os índios preparavam uma infusão que os doentes bebiam em jejum. Segundo Oviedo, os doentes melhoravam rapidamente.

Em época moderna, os estudos sobre o guáiaico têm demonstrado que esse vegetal não tem componentes químicos que possam servir de medicina para doenças contagiosas como a sífilis. Então, se o chá preparado pelos indígenas era um santo remédio, como afirmaram Oviedo, Juan de Cárdenas e Garcia de Orta, entre outros, surge a dúvida se falavam de sífilis ou de outra doença semelhante.

Entre todas as provas documentais que de alguma forma apontam a sífilis como sendo originária da América, talvez a de maior peso seja um manuscrito quíchua descoberto

no final do século XVI na província de Huarochirí, arquidiocese de Lima, pelo frade Francisco de Ávila. Este sacerdote fez uma primeira tradução incompleta. O tradutor moderno, o antropólogo e romancista José Maria Argueda, que deu o título ao manuscrito: *Dioses y hombres de Huarochirí*, também definiu a densidade temporal do documento: “es el mensaje casi incontaminado de la antigüedad, la voz de la antigüedad transmitida a las generaciones por boca de los hombres comunes que nos hablan de su vida y de su tiempo”.

No capítulo cinco desse documento, narra-se a história de um homem rico e poderoso que padecia de grave doença contraída sexualmente de sua esposa, que o tinha traído. O narrador refere-se a fatos passados, muito antigos, mas também a fatos recentes, e neste sentido não temos a certeza se essa história é pré ou pós-hispânica. Todavia, o que mais caracteriza o documento é a oralidade da linguagem que se sobrepõe à escrita. Fica muito clara no documento a história oral que se tem transmitido ao longo de muitas gerações.

Esta história se exprime de duas formas: através duma metáfora muito indígena, pois emprega o milho, uma semente, como agente transmissor; e de uma forma direta que mostra, talvez, a influência do sacerdote cusquenho Francisco de Ávila. Vejamos agora essa história segundo o documento que comentamos:

Entonces esse Huatyacuri, caminando de Uracocha hacia Sienequilla, en el cerro por donde solemos bajar em esa ruta se quedo a dormir. Esse cerro se llama ahora Latauzaco. Mientras allí dormía, vino un zorro de la parte alta y vino también otro zorro de la parte baja; ambos se encontraron. El que vino de abajo preguntó: ¿cómo están los de arriba? Lo que debe estar bien, está bien, contestó el zorro; sólo un poderoso, que vive en Anchicocha, y que es también un sacro hombre que sabe la verdad, que hace como si fuera Dios, está muy enfermo. Todos los amautas han ido a descubrir la causa de la enfermedad, pero ninguno ha podido hacerlo. La causa de la enfermedad es ésta: a la parte vergonzosa de la mujer le entró un grano de maíz mura saltando del tostador. La mujer sacó el grano y se lo dio a comer a un hombre. Como el hombre comió el grano, se hizo culpable; por eso, desde ese tiempo, a los que pecan de ese modo se les tiene en cuenta, y es por causa de esa culpa que una serpiente devora las cuerdas de la bellísima casa en que vive, y un sapo de dos cabezas habita bajo la piedra del batán. Que esto es lo que consume al hombre, nadie lo sospecha.

A forma direta para expressar que a doença se dá por contato sexual, é esta:

Narraremos, luego, los hechos que hubo entre este hombre enfurecido y Huatyacuri; ahora, continuemos con la historia de la curación del enfermo por el tal Huatyacuri. Cuando empezaba a curar al enfermo, le dijo: tu mujer es adúltera.

Y por ser ella así te ha enfermado; y quienes te hacen padecer son dos serpientes que viven en el techo de tu excelsa casa y un sapo de dos cabezas que habita debajo del batán (Dioses y hombres, 1966).

Os estudos paleopatológicos datam do início do século XX. Os resultados não são definitivamente conclusivos, mesmos os mais modernos em que a antiguidade tem sido definida por métodos radioativos.

No início do século XX, arqueólogos peruanos exumaram mais de 15.000 esqueletos e múmias nos cemitérios indígenas. Desse total, mil apresentavam deformações nos crânios, lesões patológicas que provariam os efeitos da sífilis. Por outro lado, muitos huacos antropomórficos apresentam o nariz e lábios mutilados, o que é manifestação de uma sífilis avançada (Espejo Nuñez, 1954).

Entretanto, esses restos não foram submetidos à análise do carbono 14 para determinar sua antiguidade.

Mais recentemente foram descobertos restos ósseos pré-colombianos em Paracas (Peru), Rio Negro (Argentina), Tlaltelolco (México), San Cristobal Pueblo (México), Lagoa Santa (Brasil), Ohio (USA), cujas lesões apontam para a sífilis (Mendonça de Souza, Black, 1994).

Finalmente, está claro que até agora nenhum documento histórico ou arqueológico é definitivo e suficientemente confiável para determinar a origem da sífilis. Neste sentido, queremos terminar nosso artigo citando o parecer de um especialista em paleopatologia:

Mesmo assim o testemunho de espécimes pré-colombianos no Velho Mundo não é menos convincente e admite-se que, até existirem testes serológicos que derrubem todas as dúvidas, o balanço de todo o testemunho conhecido se incline favoravelmente para a opinião de que a sífilis é uma infecção da mais remota antiguidade em ambos os lados do Atlântico (Wells, 1971).

Bibliografia

ANÔNIMO. *Dioses e hombres de Huarochirí*. Traducción y prólogo de José Maria Arguedas. México: Siglo XXI, 1966, cap.5.

COOK, S. e BORAH, W. *El pasado de México: aspectos sociodemográficos*. México: F.C.E., 1989.

CROSBY, Alfred. *The Columbian Exchange*. Biological and Cultural consequences of 1492. Connecticut: Greenwood Press, 1976.

- CÁRDENAS, Juan. *Problemas y secretos maravillosos de las Indias*. Madrid: Alianza Editorial, 1988. A primeira edição desta crônica é de 1591.
- CIEZA DE LEON, P. *Crónica del Perú*. Primera parte. Lima: Ed. Peisa, 1973, cap. LIV.
- COTO, Thomas de. *Thesaurus Verboru*. Vocabulario de la lengua Cakchiquel y Guatemala. Edición, introducción e notas de René Acuña. México: UNAM, 1983.
- DURÁN, Diego. Historia de los indios de Nueva España e islas de la Tierra Firme. México: Ed. Porrúa, 1984, cap. VI; cap. XVI.
- ESPEJO NÚÑEZ, T. La antigüedad de la sífilis en el Perú. *América Indígena*, XIV, 1, 1954.
- ESTEVE BARBA, F. *Historiografía Indiana*. Madrid: Ed. Gredos, 1964, p.36.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1954, vol.1, p. 161 e seg.
- GANDILLAC, M. *La filosofía en el Renacimiento*. México: Ed. Siglo XXI, 1974, cap. III.
- GERBI, Antonello. *La naturaleza de las Indias Nuevas*. México: F.C.E., 1978, cap. VIII.
- MENDONÇA, Sh. *et alli*. Saúde e doença em grupos indígenas pré-históricos do Brasil. Paleopatologia e Paleoparasitologia. In: SANTOS, R. e COIMBRA, C. (orgs.). Saúde e Povos indígenas. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1994. Ver também Francis Black: *Infecção, mortalidade e populações indígenas*.
- LAS CASAS, B. *Apologética Historia de las Indias*. Madrid: Obras Escogidas, 1958, vol. V, cap. 19.
- ORTA, Garcia de. *História dos aromas e de alguns medicamentos simples que nascem entre os índios*. Lisboa: Junta de Investigações de Ultramar, 1964, cap. XXXVIII.
- OVIDO, Gonzalo F. *Sumario de la Natural Historia de las Indias*. Salamanca: Ed Anaya, 1963, cap. LXXV. Historia General y Natural LII, cap. 13.
- PANÉ, Ramón. Relación acerca de las antigüedades de los indios. México: Siglo XXI, 1974, cap. VI.
- RIBEIRO, Darcy. Convívio e contaminação: efeitos dissociativos da população provocada por epidemias em grupos tribais. *Sociologia*, 18, 1, 1956.
- SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza Ed., 1988, LX, cap. XXVIII.
- SANTO THOMAS, Domingo de. Gramática o arte de la lengua general de los indios de los reynos del Perú. Madrid: Ed. Cultura Hispánica, 1994.
- SOARES DE SOUSA, Gabriel. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Ed. Nacional/ EDUSP, 1971.
- WELLS, Calvin. *Ossos, corpos e doenças*. Lisboa: Ed. Verbo, 1971, pp. 107, 108.